

Romarias entre mundos, em busca de sentidos: notas sobre viagem, virtualização e participação de não devotos em Juazeiro do Norte

*Pilgrimages between worlds, in search of meaning:
notes about travel, virtualization and participation of non-devotees
in Juazeiro do Norte*

Renata Marinho Paz
Itamara Freires de Meneses
Maria Paula Jacinto Cordeiro

Resumo

As romarias a Juazeiro do Norte costumam ser definidas por diferentes grupos de atores sociais com base na tríade: chamado – graça recebida – retorno; piedade e penitência também figuram nessa caracterização. Entretanto, outros aspectos se insinuam, embora nem sempre sejam devidamente considerados, em nome da reificação de elementos que seriam particulares àquela que é a maior romaria popular do país. Este artigo apresenta reflexões sobre as romarias a Juazeiro do Norte por meio de variáveis que, cada vez mais se impõem às observações, mas que, até então, não figuravam como objetos prioritários/legítimos de análises: a viagem, a virtualização de práticas religiosas e o crescimento da participação de não devotos. As reflexões foram construídas a partir das observações de três pesquisadoras e partindo de um processo metodológico que compreende o trabalho de campo, a realização de entrevistas e conversas informais com variados sujeitos, apresentam diferentes lentes que apontam para a necessidade de compreender a pluralidade de vozes que constituem os eventos romeiros, ao tempo em que observam os diferentes sentidos atribuídos ao deslocamento. As mudanças em curso indicam também o impulsionamento da virtualização de práticas religiosas e a compreensão de uma forma de fazer romaria destituída de motivação devocional.

Palavras-Chave: Romarias. Viagens. Virtualização de práticas. Não devotos.

Abstract

Pilgrimages to Juazeiro do Norte are usually defined by different groups of social actors based on the triad: called – grace received – return; piety and penance also figure in this characterization. However, other aspects appear, although they are not always properly considered, in the name of reifying elements that would be particular to what is the largest popular pilgrimage in the country. This article present reflections on the pilgrimages to Juazeiro do Norte through variables that increasingly impose themselves on observations, but which, until then, did not appear as priority/legitimate objects of analysis: the journey, the virtualization of religious practices and the growth of participation of non-devotees. The reflections were constructed based on the observations of three researchers and based on a methodological process that includes fieldwork, interviews and informal conversations with various subjects, the researchers present different lenses that point to the need to understand the plurality of voices that constitute pilgrim events, while observing the different meanings attributed to displacement. The ongoing changes also indicate the boost in the virtualization of religious practices and the understanding of a way of carrying out pilgrimages devoid of devotional motivation.

Keywords: Pilgrimages. Trips. Virtualization of practices. Non devotees.

Introdução: Práticas viajantes e virtualidades

Qualquer pesquisador que realizou uma aproximação mais imersiva em contextos de romarias tem um certo estoque de histórias para contar, seja de sua própria jornada etnográfica, com gafes, deslizos e desentendimentos engraçados entre epifanias e insucessos; ou histórias e biografias confiadas referentes aos próprios romeiros ou a sei lá quem de suas convivências. Boa parte desses materiais não entram em objetivos e tempos estabelecidos pela pesquisa; são arredios, tendem a desencaixar-se de escritas finais ou parecem mesmo, à primeira vista, material inútil de conversa jogada fora, antes da “coisa” verdadeiramente interessante, dentro de uma perspectiva analítica, surgir. Além de tudo que acontece no “durante” a romaria, é comum testemunhar nessas aproximações os momentos de chegada ao local de destino e de despedida.

Um “entre” mundos, a casa e o destino, o destino e a casa, que ainda não foi experienciado em termos de pesquisa pelas autoras deste texto, passou a nos chamar a atenção no momento em que a covid-19 tornou-se um impedimento para a realização das romarias em 2020, em todos os lugares. “É possível fazer uma romaria sem viajar?”, “Qual será o impacto disso para os romeiros e para a continuidade das romarias?”, nos perguntávamos àquela altura especificamente sobre os fluxos romeiros que se dirigem a Juazeiro do Norte, no Ceará, já que desde o seu surgimento, ainda no ano de 1889, nunca havia acontecido uma paralisação de romarias para a cidade.

Resgatando fragmentos de entrevistas, trechos de leituras e notas de cadernos de campo de nossas pesquisas em Juazeiro do Norte, informações e relatos que se articulavam com o tópico viagem começaram a tomar forma quando revisitamos os nossos próprios percursos e interpretações ao longo das últimas décadas. A descrição de Steil¹ sobre sua participação em viagem com romeiros à Bom Jesus da Lapa num caminhão pau de arara traz, de forma quase poética, o que o viajar opera nos devotos e permanece como uma narrativa atual, embora em flagrante concorrência com outras formas de empreender o caminho: “Os duzentos quilômetros percorridos até a Lapa, pouco a pouco, foram transformando aqueles homens e mulheres em romeiros e romeiras capacitando-os a ingressar na esfera sagrada do santuário e contracenar com Bom Jesus, Maria, os santos e anjos”.

Pensar os romeiros como devotos desenhava-se como uma classificação que ajudava a identificar um sentido de viajar relacionado a práticas mais relacionadas às noções de sacrifício e penitência que definiram peregrinações durante boa parte da Idade Média.² Em geral, a realização de uma romaria está associada ao deslocamento para um lugar sagrado, com base em motivações religiosas. Seguindo esse delineamento classificatório, nas romarias a Juazeiro do Norte, além do deslocamento, algumas características podem ser destacadas, como o *ethos* da tradição cultural de penitência e misericórdia que, conforme Campos,³ seriam elementos fortemente enraizados nas crenças e práticas piedosas na localidade.

Outro aspecto a ser salientado e que confere especificidade ao lugar é o fato de que este centro de romarias é um espaço erigido a partir da devoção a um santo popular, e que se constituiu através da fé e pela renitência dos devotos. Destarte, as representações e práticas do catolicismo vivenciadas em Juazeiro do Norte são, em boa medida, expressões da fé popular e identificadas com as particularidades daquele espaço, diferentemente de outros centros de romaria e turismo religioso do país, geridos pela Igreja Católica. Isto porque durante mais de um século, a postura oficial da Igreja Católica em relação às romarias e ao movimento sociorreligioso de Juazeiro, num sentido mais amplo, foi de intolerância e

¹ STEIL, C. A., O sertão das romarias, p. 96.

² SUMPTION, J., The age of pilgrimage.

³ CAMPOS, R. B. C., Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus, p. 146-175.

rejeição⁴. Há pouco mais de duas décadas, ações oficiais por parte da Igreja no sentido de abertura e aproximação face às romarias, ao Padre Cícero e à devoção popular têm sido expressivas, resultando na “Reconciliação do Padre Cícero”, em 2015 e, em 2022, na autorização da abertura de seu processo de beatificação, acompanhada de sua elevação à condição de Servo de Deus. Muitas ações evangelizadoras vêm sendo desenvolvidas em diversas frentes pela Igreja em Juazeiro, tendo como cerne a vida e os preceitos do Padre Cícero; para a piedade popular, contudo, o Padrinho sempre foi santo, independente do posicionamento oficial da instituição.

O romeiro que se dirige a Juazeiro do Norte estabelece um vínculo com aquela que é considerada uma *terra santa*, uma relação perene iniciada com a resposta ao *chamado* feito por Nossa Senhora, ou pelo Padre Cícero, e que implica no retorno todos os anos para render graças, renovar seus laços com o Padrinho e realimentar a sua fé. É oportuno destacar que esse movimento faz com que o romeiro se torne um instrumento de evangelização fundamental, tanto na romaria quanto no papel que ele pode vir a desempenhar em sua própria comunidade de origem, ao atuar como “carteiro de Cristo”⁵, disseminando as mensagens recebidas e compartilhadas pelos agentes pastorais durante a peregrinação.

Esse deslocamento, embora comumente esteja relacionado à ideia da viagem e da circulação de pessoas, alcança uma perspectiva maior ao abarcar o trânsito de tradições, experiências, identidades, representações e sentidos, resultante da mobilidade física de corpos e objetos, informativa, virtual e imaginativa que caracteriza o contexto contemporâneo.⁶

Ao deslocar-se, o romeiro apresenta como principal motivação a fé no Padrinho.⁷ Atrelado a isso, os sentidos e experiências são desenhados mediante a figura do santo popular e a relação de intimidade estabelecida entre eles. Todavia, o deslocamento pode manifestar-se também pelo anseio de experienciar a romaria como um momento de ludicidade que viabiliza vivências distantes do viés de devoção. Sendo possível, portanto, a ressignificação dos eventos romeiros conforme as motivações que provocam e complementam-se entre si para formar a intenção de deslocamento.

Coleman e Eade⁸ ajudam a pensar esse tipo de deslocamento como “meta movimento” na medida em que tomamos as práticas que lhe são inerentes, refletindo quanto ao seu significado, forma e função em relação a um quadro mais amplo da viagem em nossa sociedade, o que gera uma oportunidade de, por meio da observação do que está acontecendo nas romarias, refletir, reincorporar e até transformar retrospectivamente viagens passadas. Nesta perspectiva, propomo-nos refletir sobre as romarias a Juazeiro do Norte por meio das seguintes categorias reflexivas: a viagem, a comunicação virtualizada de significados religiosos e o crescimento da participação de não devotos.

Tomamos esses elementos para pensar que as viagens religiosas no mundo ocidental eram também influenciadas por narrativas geradoras de expectativas distintas da prática religiosa entre participantes, mesmo antes da instalação da modernidade, do estabelecimento de viagens no cenário da Renascença italiana (*Grand Tour*) e do consumo dos lugares no mundo capitalista que separou o tempo do trabalho e o tempo do descanso e lazer.

Essas expectativas emergiam das narrativas lidas ou ouvidas dos viajantes há séculos,⁹ assim como acontece hoje nas recentes romarias a Juazeiro do Norte, no que tange sua propagação por meio das histórias contadas e partilhas que acontecem no retorno dos participantes aos seus lugares de origem. É comum, entre romeiros mais maduros, a referência a noites de contação de histórias sobre a romaria que aconteciam quando os participantes retornavam de viagem. As pessoas reuniam-se em calçadas e

⁴ Os milagres da hóstia protagonizados pela Beata Maria de Araújo e o Padre Cícero, em 1889, deram origem a uma intensa questão religiosa envolvendo o sacerdote, seus apoiadores e as autoridades eclesásticas, ocasionando o distanciamento e silêncio da Igreja Católica em relação às romarias e à religiosidade popular vivenciada em Juazeiro.

⁵ Designação criada por Monsenhor Murilo de Sá Barreto, pároco da igreja de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte durante quase seis décadas. Entrevista concedida a Osvald Barroso e Cica de Castro em 03.02.90. Acervo do Museu da Imagem e do Som, Fortaleza.

⁶ URRY, J., *Sociology Beyond Societies*.

⁷ A relação de apadrinhamento caracteriza a ligação do devoto com o santo, os romeiros tradicionais se consideram afilhados do Padre Cícero.

⁸ COLEMAN, S.; EADE, J. (Orgs.), Introduction, p. 1-25.

⁹ SUMPTION, J., The age of pilgrimage.

terreiros nas suas localidades, sendo elas de caráter tanto urbano quanto rural, para partilhar as experiências com quem não tinha viajado.

Pai Miguel [forma respeitosa de chamar o avô] tinha prazer de contar as viagens pra mais de 30, só pra Juazeiro. Nunca esqueci, ele botava a cadeira no terreiro e contava as história de meu Padim, [...] eu era pequena e quando o candeeiro apagava eu via só a brasa do cigarro dele, ele contava fumando e era muita gente que ficava, mãe era viva e fazia café pro povo duas três vezes que ele mandava [...] eu dormia no batente e no outro dia queria saber o que ele tinha dito [...] pra mim Juazeiro era o céu... [suspiro] era o céu, outro mundo [...] Hoje eu passei meu avô que com essa romaria é 37 vez que eu venho.¹⁰

No contexto atual, de mobilidade paradigmática, na medida em que vivemos um estilo de vida móvel,¹¹ às narrativas de romarias somam-se imagens em movimento de vídeo chamadas que mostram o lugar e o que está acontecendo a quem permaneceu em casa; visualizações de vídeos que são gravados ao vivo e veiculados no Youtube e no Instagram, mostrando todas as dimensões da romaria para seguidores e assinantes de canais tanto oficiais quanto aqueles produzidos por moradores locais e romeiros. Acessível a qualquer um, essa propagação virtual sobre os movimentos praticados pelo corpo durante as romarias contribui para a construção de percepções e entendimentos sobre as mobilidades dos sujeitos durante a romaria, diversificando expectativas de experiências. Esses registros, ao serem midiaticizadas em associação à expansão do acesso a equipamentos de telefonia móvel, especialmente *smartphones*, e contando com a ampliação do acesso à internet e do uso de redes sociais, tem trazido reverberações, hibridizações e confluências de distintos interesses dos participantes, afetando as formas de interação com os espaços sagrados na cidade.

Considerando que *smartphones* são um equipamento cada vez mais indispensável, faz parte da vida contemporânea uma certa indissociabilidade entre a experiência física e digital. No que diz respeito à experiência romeira, as tecnologias móveis muitas vezes são mediadores importantes na construção da expectativa, do registro, das partilhas e das memórias sobre a viagem. A cena a seguir traduz esse cenário: uma jovem romeira trajada com vestes azuis e a cabeça coberta com um véu branco entra no Museu Cívico Religioso Padre Cícero. Seguida por duas senhoras que a acompanham entoando benditos ela também canta, ao mesmo tempo em que, com um *smartphone*, filma todo o trajeto do grupo até a sala onde fica a cama do sacerdote.¹² Ao chegar em frente ao móvel, passa o celular para uma das mulheres, que continua registrando a cena. Ela retira o traje e o deposita em cima do leito; ajeita os cabelos e, em contrição, faz as suas preces, agradecendo a graça alcançada.

Cenas como essa são frequentes em diversos lugares sagrados de Juazeiro, e apontam para a progressiva midiaticização das experiências religiosas dos devotos. Práticas que antes eram realizadas de modo privado agora são fotografadas ou filmadas e compartilhadas. O que se observa é que, paulatinamente, os espaços sagrados se tornam, nas palavras de Satuf et al.,¹³

territórios informacionais de atravessamento de corpos e de redes digitais. Para o fiel midiaticizado, estar na celebração é sinônimo de compartilhar a celebração. A experiência sensorial direta ganha agora a companhia da pequena tela que está constantemente na mão, pronta para captar, distribuir e receber arquivos digitais.

Essas situações nos instigam a compreender as mudanças nas práticas religiosas dos devotos. Haveria, por parte da “geração net”,¹⁴ uma necessidade de reconhecimento, manifesta pela via do compartilhamento de suas experiências na rede. Para a autora, associado a esta perspectiva, haveria também um desejo de “ser-

¹⁰ Orlandina, entrevista concedida a Maria Paula Cordeiro.

¹¹ URRY, J., *Sociology Beyond Societies*.

¹² A cama teria sido utilizada pelo Padre Cícero e é apontada como o local onde ele faleceu. Nela, os devotos depositam objetos como roupas, garrafas d'água, fotografias, exames médicos, ex-votos, imagens, terços, bonés, chapéus, etc. além de bilhetes com pedidos e agradecimentos por graças alcançadas.

¹³ SATUF, I; et al., Da fé mediada ao fiel midiaticizado, p. 218.

¹⁴ SILVA, A. A., Ciberteologia.

com-o-outro”. Aqui experiência face-a-face, que envolve o contato com pessoas, lugares e eventos, ultrapassa a dimensão presencial, expande-se a partir do registro digital e potencial divulgação, o que aponta uma reconfiguração na forma como as pessoas se conectam aos lugares.

Nesse sentido, Francisca Maria do Nascimento, administradora do Horto, um dos espaços sagrados mais expressivos de Juazeiro do Norte, quando interpelada sobre esta questão, complexifica afirmando que:

Tem pessoas que de forma alguma quer que publique, não quer que ninguém saiba, da sua promessa, é aquela questão mais para você. Já tem pessoas que vem pagar promessa, quer mostrar que pagou sua promessa, quer divulgar para o mundo que tá pagando sua promessa e, assim... Nós escutamos sempre que a promessa, ou seja, a sua graça, quanto mais silenciosa, melhor [...]. Mas no mundo que estamos vivendo hoje, a gente não consegue passar “ó, isso aqui não seria bom ser gravado” [...] Não é que é errado, né, cada um expressa a sua fé da forma que você tem. [...] Eu sempre penso que aquele que tem uma promessa mais silenciosa, que vem aqui só pagar suas promessas, talvez esse seja mais forte, um pedido mais firme. [...] Mas o testemunho também de quem quer dar, se for verídico, se for de coração, também ajuda a outros que estão necessitando.¹⁵

Francisca aponta para a dupla perspectiva contida no compartilhamento: a necessidade de se mostrar e de buscar engajamento, mas, também, de dar um testemunho sobre a graça alcançada ou, num sentido mais amplo, sobre a sua experiência religiosa.

1. De Juazeiro para o mundo

Embora a utilização das redes sociais faça parte, desde 2006, das ações postas em prática pela Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, foi com a pandemia pela covid-19 que o emprego destes canais de comunicação ganhou relevo. O canal no YouTube TV Web Mãe das Dores, assim como o Instagram da Basílica foram intensamente agenciados por meio do esforço de organização da pastoral de comunicação da Basílica no sentido de readequação ao cenário de contingenciamento social. Os romeiros, impedidos de realizarem as romarias presenciais, puderam ter, por meio da virtualidade, a experiência de estar em Juazeiro, estando em sua própria residência. Conforme Santos,¹⁶ em tempos de contingenciamento social severo, as transmissões de celebrações como missas, terços, novenas etc., eram visualizadas em âmbito familiar. Nas palavras do autor, a pandemia:

levou os fiéis para vivenciarem a experiência devocional na “igreja doméstica”, ou seja, com uma dupla semântica de entender a família como pilar da Igreja Católica e de retomada da experiência da igreja doméstica primitiva, em tempos de perseguição ao catolicismo.

Naquele contexto, cada casa se tornou uma igreja doméstica, através da realização de “romarias ao contrário” – ao invés dos romeiros irem a Juazeiro, é Juazeiro que chega à casa dos devotos através das redes sociais. De acordo com Paz e Alencar,¹⁷

as romarias virtuais e a programação veiculada pela Basílica, ao serem reapropriadas pelos romeiros, puderam viabilizar a sua adaptação aos infortúnios da pandemia e, com isso, recriar, da maneira que lhes foi possível, sentidos e relações com Juazeiro e com as romarias.

É importante destacar que esse movimento de divulgação nas diferentes redes sociais de imagens e vídeos com registros de experiências diversas em Juazeiro, contempla os passos nos lugares sagrados, o comércio, a festa e os encontros. O que a princípio toma ímpeto num quadro emergencial, findou por assumir um importante lugar nos meios que o devoto emprega para manter a conexão com aquele

¹⁵ Entrevista concedida a Renata Marinho Paz.

¹⁶ SANTOS, M. F. J., Romarias in lives, p. 1329.

¹⁷ PAZ, R. M.; ALENCAR, Y., Nos tempos da COVID-19, p. 13.

espaço. Assim, ao contrário do que podia se pensar no início da pandemia, a virtualização não terminou com a retomada das atividades presenciais; antes, foi incorporada como um modo de manter ou prolongar o contato com o lugar.

Entretanto, a romaria presencial continua, indefectivelmente, como um elemento fundamental na experiência dos devotos. Nesse sentido, conforme Santos,¹⁸

O fortalecimento do uso das redes sociais nas transmissões pode ser um indício da abertura de novas estratégias de manutenção do vínculo do devoto com o espaço sagrado. Os comentários dos romeiros nas postagens dos cibersantuários externam os anseios de retorno das romarias, do desejo de deslocar-se pelas estradas, de tocar nas imagens.

A despeito das mudanças, o romeiro mantém com Juazeiro uma relação perene, com a necessidade de retornar todos os anos, diferentemente do turista religioso, que visita a cidade e seus lugares sagrados, sem o estabelecimento de laços votivos.

2. Romaria para quem não é do santo

Entre a romaria lúdica e a midiaticizada, observamos a romaria experienciada pelo *não devoto*.¹⁹ O mundo dos eventos romeiros provoca a emergência de uma pluralidade de vozes, de práticas, de sentidos e variadas concepções sobre o fazer romaria. Os *não devotos* são sujeitos que, distantes de um vínculo de devoção, concebem o fenômeno como um “campo de possibilidades”.²⁰ Possibilidade de entretenimento, de diversão, de um deslocamento atraído pelo recreativo. Os eventos romeiros, na vivência de quem não é do santo, ensejam sociabilidades pautadas no compromisso com a festa, com a paquera, com as noitadas envolvidas pelas serestas, com a curtidão.

Envolvidos, em maior proporção, com os elementos festivos, os *não devotos* mantêm uma relação de curiosidade e também de respeito com o universo sagrado das romarias. Há, portanto, um contato com os elementos de ordem religiosa, visto que Juazeiro do Norte configura-se a partir desse imaginário e as romarias são o alimento dessa atmosfera. Contudo, as conexões estabelecidas despertam, essencialmente, o desejo por vivenciar a terra santa através da ludicidade e da festividade provocadas pelo tempo de romaria. Neste sentido, a devoção cede lugar para o entretenimento.

Um panorama imerso em tamanha heterogeneidade, caracterizado por realidades profundamente multifacetadas e contraditórias, aguça a reflexão, abrindo assim um leque de questionamentos: o que é romaria? Quais elementos constituem um evento romeiro? Quais as práticas realizadas? As respostas a tais indagações são menos relevantes comparadas ao sentimento provocativo e instigante que o universo das romarias oferece. Os eventos romeiros partem de uma realidade híbrida,²¹ permeada por processos interligados e características discrepantes que encontram na complementaridade o sentido mobilizador das práticas. Pensamos assim na romaria por meio de “narrativas híbridas”.²²

Os aspectos assinalados neste texto refletem o caráter múltiplo das romarias, bem como sua capacidade de rearranjo, de resignificação e de adequação às mudanças em curso. Isso advém, sobretudo, do processo de modernização que tem apresentado fortes implicações no que faz referência a uma sociedade pautada, cada vez mais, na satisfação individual orientada pela lógica do consumo. “Na sociedade pós-moderna e orientada para o consumidor, os indivíduos são socialmente formados sob os auspícios dos papéis de quem procura o prazer e acumula sensações”.²³ A procura desse prazer está embasada em experiências fluidas que encontram espaço em uma sociedade que apregoa valor às relações fluidas, em detrimento dos processos de pertencimento.

¹⁸ SANTOS, M. F. J., Romarias in lives, p. 1330.

¹⁹ MENESES, I. F., As romarias pelo olhar dos não devotos.

²⁰ VELHO, G., Projeto e metamorfose.

²¹ CANCLINI, N. G., Culturas híbridas.

²² COVALESKI, R., Conteúdo de marca e entretenimento: narrativas híbridas.

²³ BAUMANN, Z., O mal-estar da pós-modernidade, p. 222.

A romaria dos que não integram o grupo de apadrinhados do Padre Cícero pode ser caracterizada pela ausência de um senso de pertencimento religioso. Através das lentes desprendidas de devoção, é possível vislumbrá-la na sua condição mais fluida e de descompromisso com o santo. A fluidez é apreendida na ausência de uma rigidez no cronograma, uma vez que, mesmo na presença de uma programação preestabelecida, percebe-se um planejamento que surpreende e encontra, no viés recreativo, o seu sentido. Uma experiência que se alimenta do lúdico, apropria-se do midiático, do despretenso e, dessa forma, legitima as características de uma sociedade líquida.²⁴ Ela escorre, movimenta-se, esquia-se de estruturas que tendem a fixá-la.

“Vamos fazer só um boomerang”, disse, entusiasmado, um rapaz que, na companhia de amigos, fazia o percurso do Santo Sepulcro.²⁵ Lugar sagrado por excelência, o Santo Sepulcro é também um ambiente instagramável, cenário para a foto perfeita. Interessante pensar que as vivências de romarias atravessadas pelo midiático, pelo movimento em uma constante busca por experiências múltiplas, esvaziadas de um sentido religioso, viabilizam ressignificações de espaços consagrados pela tradição religiosa. O Santo Sepulcro, na percepção daqueles jovens, é visto, primordialmente, como um ambiente que oportuniza a aquisição de likes e o engajamento no Instagram.

Neste sentido, Juazeiro do Norte e as romarias vão tomando a forma dos participantes, um público plural, com interesses distintos, que enxerga nesses eventos uma infinidade de possibilidades de vivências. Juazeiro, reconhecida e legitimada como um grande polo de romarias, atrai devotos do Padre Cícero, assim como envolve e convida sujeitos com múltiplos olhares a respeito da cidade e do fenômeno. Uma cidade vista como santa, bem como um lugar para ser experienciado de diferentes formas, na medida em que possui equipamentos atrativos não apenas religiosos. Um lócus que desperta curiosidade de quem comunga dos ideais do catolicismo popular, como também dos que são conduzidos por outras vertentes religiosas e interesses diversos.

Eu vim mais por causa do passeio, porque eu fui criada na igreja evangélica, eu não sou muito devota a santo, não acredito, mas também não desacredito, cada um com sua cultura, eu vim mais pela curiosidade do lugar, porque é uma época que vem muita gente e é um lugar bonito, um lugar organizado, mais por isso mesmo.²⁶

A interlocutora confessa não ter sido atraída pelo santo; o que a mobilizou para fazer a viagem a Juazeiro não foi o pagamento de uma promessa ou a necessidade de fortalecimento do vínculo com o Padre Cícero, não há vínculo a ser revigorado. Graziela foi instigada pelo desejo de conhecer Juazeiro do Norte em um período em que a cidade se encontra exorbitantemente movimentada, dinâmica e cheia. A jovem retrata o município como um lugar bonito, organizado, um ambiente atrativo. Apesar de não professar a fé católica, de não ter santo de devoção, a moça, natural de Canindé de São Francisco, enxerga beleza tanto na cidade de Juazeiro como na romaria. “Diziam que era um alvoroço só, pelo menos eu não vi esse alvoroço todo, eu vi tudo muito organizado, tudo muito calmo, é muito tranquilo, pretendo vir ano que vem”.

Interessante refletir o contexto de romaria pelo olhar dos que não se qualificam enquanto devotos, porque ao tempo em que a direção muda, em que o Padre Cícero não aparece como principal mobilizador do deslocamento, outros elementos ganham atenção. Os *não devotos*, ansiosos por experienciar o que os eventos romeiros têm a oferecer, além das condições puramente religiosas, expressam vontades que demonstram várias faces de uma romaria. “Vamos pro Crato, dançar muito Piseiro nos paredão, tomar muita Ypióca.” Nas palavras da jovem Andressa, de 21 anos, natural de Juazeiro da Bahia, dançar muito piseiro é o que ela almeja.

Apresentamos, neste tópico, algumas características do fazer romaria pelo olhar de quem não é devoto. A ideia não é apresentar um roteiro a respeito do que um *não devoto* faz ou deixa de fazer, mas

²⁴ BAUMAN, Z., Modernidade líquida.

²⁵ O Santo Sepulcro, situado no alto da serra do Catolé, é um espaço penitencial composto por grandes rochas, com as quais os devotos interagem com finalidade de purificação.

²⁶ Graziela, Entrevista concedida a Itamara Freires de Meneses.

refletir sobre a atuação dele e sobre a contribuição deste sujeito na dinâmica dos eventos romeiros. O *não devoto* faz romaria e, ao fazê-la, surge como um sujeito relevante na trama de significados.

Diante do exposto, compreendemos que as romarias são constituídas a partir das experiências, das práticas e dos variados sentidos atribuídos ao vivenciá-la. Nesse sentido, buscar estabelecer fronteiras entre o lúdico e o religioso, ou entre categorias como romaria e turismo, sagrado e profano, não parece elucidativo porque as dualidades são insuficientes para a compreensão de eventos atravessados por tantos elementos orientadores da ação na contemporaneidade e em constante movimento.

Conclusão

Este artigo surgiu de experiências de pesquisa nas romarias de Juazeiro do Norte por distintas trajetórias. Um caminho longo que sempre nos presenteou com cenários diversos, permitindo perceber as romarias em sua pluralidade de vozes. Caminhamos entre os romeiros em tempos e espaços diferentes, por paisagens atravessadas pelo sagrado, pelo lúdico e pelo profano. Neste artigo, realizamos passos em direção a um universo midiático, on-line, em que um *smartphone* na mão conecta mundos, permite compartilhar experiências, midiática o fiel. Também percorremos realidades em que a devoção é secundária, em que o vínculo com o santo não é estabelecido, mas a vontade de fazer romaria é substancial.

Os olhares diversos dos participantes de romarias, os passos que caminham, atravessados por expectativas distintas de experiências, os múltiplos sentidos imbuídos no “fazer romaria” são características de uma sociedade representada pela pluralidade da modernidade. Ao ampliar essa percepção, incluindo a heterogeneidade de vivências de viagem, nos alinhamos à abordagem de Eade e Sallnow²⁷ que entendem esse tipo de evento como uma arena de disputas entre discursos concorrente, religiosos e seculares.

Desde MacCannel²⁸ que afirmou que o turismo contemporâneo incorpora muitas características da peregrinação, muitos pesquisadores seguiram uma linha semelhante, focando nas experiências heterogêneas dos visitantes, embora até hoje permaneçam em discussão tentativas de definir classificações distintivas entre turismo e peregrinação. A despeito dessas investidas, parece haver uma busca inerente ao viajante, como apontou Cohen:²⁹ turistas buscam vivenciar experiências autênticas longe do centro de sua vida, enquanto peregrinos dirigem-se ao centro do seu mundo em busca de uma realidade que lhe confere identidade espiritual.

A busca por identidade espiritual, que tem uma função orientadora, de identificação ou confirmação de sentido para a própria vida, é implicada em uma realidade cada vez mais tecnológica, permeada por um grande volume de informações e movida pela incerteza, uma sociedade em que “jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo”.³⁰

Diante de um cenário contemporâneo, mobilizador de medos, incertezas e uma profunda insegurança, observa-se que os avanços tecnológicos e todo o aparato que envolve os processos de modernização parecem não responder a muitos dos dilemas que acompanham o ser humano. A religião, mesmo fragmentada, aparenta cumprir o papel de responder anseios frente a uma realidade pautada no enfraquecimento de sentidos mais amplos.

Cabe aqui considerar que a religião no contexto moderno já não ostenta um dossel sagrado sobre toda a sociedade, reunindo interpretações da realidade numa cosmovisão; há outras instituições portadoras de ordenações de sentido e valores.

Apesar de perder a parte central na sociedade – e talvez mesmo por causa dessa perda – a Igreja pode desempenhar em alguns casos uma função muito positiva como instituição intermediária [...] Para o

²⁷ EADE, J.; SALLNOW, M. (Orgs.), *Contested the sacred*.

²⁸ MACCANNELL, D., *The tourist*.

²⁹ COHEN, E., *A phenomenology of tourist experience*, p. 179-201.

³⁰ BAUMANN, Z., *44 cartas do mundo líquido moderno*. P. 6.

indivíduo pode a igreja representar então a comunidade mais importante de sentido; por meio dela pode lançar uma ponte significativa entre sua vida particular e sua participação nas instituições sociais.³¹

Desse modo, Berger e Luckmann³² afirmam que cabe às instituições intermediárias o exercício de um papel mediador, evitando que as demandas e crises de sentido provocadas pela modernidade desarticulem os arranjos sociais, gerando e sustentando “os sentidos para as condutas de vida dos indivíduos e na coesão na comunidade de vida”. Elas não fazem desaparecer as crises provocadas pela pluralidade de explicações para a realidade vivenciada pelos sujeitos, mas as aplacam, evitando que se tornem crises generalizadas de sentido por toda a sociedade.

Collins-Kreiner³³ aponta que as pesquisas sobre peregrinação têm percorrido o caminho do objeto para o sujeito e sua experiência e da objetividade para a subjetividade de suas necessidades e interpretações da própria experiência. Ao mesmo tempo em que definem como querem viver romarias, não se pode perder de vista que os participantes também estão envolvidos num contexto de abertura para o mundo que se apresenta, passível de novas experiências, encontros com novas pessoas, contato com novas histórias e equipamentos que se atualizam no espaço visitado. Seguindo uma perspectiva integradora, a autora também lança outras chaves de leitura que ajudam a refletir o que continua e o que está em transformação nas peregrinações em geral e nas romarias em Juazeiro em específico: as motivações dos participantes de deambulações religiosas são amplas, da curiosidade à busca de sentidos existenciais; diferentes segmentos de visitantes se deslocam por locais sagrados e não sagrados, coexistindo mesmo realizando atividades distintas no local; as experiências vivenciadas são distintas de acordo com idade, sexo, status social e outros fatores e podem se transformar a qualquer momento; não existem distinções claras entre locais de peregrinação e atrações turísticas – o que implica em atravessamentos inevitáveis, complexificados e ampliados pela virtualização da vida contemporânea.

O que existe, portanto, é uma variação nos sentidos mobilizadores das práticas. Visto que o contexto de romaria é construído mediante uma diversidade de cenários que dialogam com perspectivas religiosas e não religiosas, a forma como os sujeitos irão experienciar o campo das romarias dependerá do sentido atribuído às experiências. O fiel midiaticizado, por exemplo, encontra, no manejo das redes sociais, uma forma de expandir a sua vivência na romaria, bem como utilizar as tecnologias como uma forma de registrar o momento romeiro, não necessariamente como uma maneira de publicizar a sua presença nas romarias. No caso dos não devotos, observa-se a necessidade de tornar pública sua experiência, sobretudo, a partir do envolvimento com questões de ordem não religiosa.

Neste artigo, o “fazer romaria” foi atravessado pelas inúmeras possibilidades que constituem essa prática. O que discutimos neste texto pode ser lido como um convite a conhecer as romarias de Juazeiro do Norte e enxergar, de perto, como os eventos romeiros dialogam com os elementos da modernidade. Pensar romaria como busca de sentido ou por uma experiência autêntica é, sobretudo, lograr o entendimento de que essa busca é constante e os motivos são múltiplos. Compreendemos que o lúdico, o midiático e as experiências distantes da devoção operam juntos, formando um conjunto que atribui sentidos às várias formas de conceber e fazer romaria, mediante práticas por vezes contraditórias, mas também entrelaçadas.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

³¹ BERGER, P.; LUCKMANN, T., Modernidade, pluralismo e crise de sentido, p. 72.

³² BERGER, P.; LUCKMANN, T., Modernidade, pluralismo e crise de sentido, p. 74.

³³ COLLINS-KREINER, N., Researching pilgrimage, p. 440-456.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: A orientação do homem moderno. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

CAMPOS, Roberta. Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: Penitência, *ethos* de misericórdia e identidade do lugar. **Religião e Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 146-175, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

COHEN, Erik. A phenomenology of tourist experiences. **Sociology**, v. 13, n. 2, p. 179-201, 1979.

COLEMAN, Simon; EADE, John. Introduction. In: COLEMAN, Simon; EADE, John. **Reframing pilgrimage**: cultures in motion. Routledge: London/ New York, 2004. p. 1-25

COLLINS-KREINER, Noga. Researching pilgrimage: Continuity and Transformations. **Annals of Tourism Research**, v. 37, n. 2, p. 440–456, apr. 2010.

COVALESKI, Rogério Luiz. Conteúdo de marca e entretenimento: narrativas híbridas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 12, n. 34, p. 107-123, mai./ago. 2015.

EADE, John.; SALLNOW, Michael. (Orgs.). **Contested the sacred**: the Antropology of christian pilgrimage. Nova York: Routledge, 1991.

MACCANNELL, David. **The tourist**: a new theory of the leisure class. 2. ed. Berkeley: University of Califórnia Press, 1999.

MENESES, Itamara. **As romarias pelo olhar dos não devotos**. Natal, 2023. 150p. Tese. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SATUF, Ivan.; ALVES, Cícero Rodrigo; SILVA, José Everson. Da fé mediada ao fiel mediatizado: ubiquidade comunicacional nas romarias de Juazeiro do Norte. COSTA, Alvaro Daniel (Org.) **Cultura, cidadania e políticas públicas**. Ponta Grossa (PR): Ed. Atena, 2019. p. 209-221.

SANTOS, Magno Francisco. Romarias in lives: ciberdevoções e santuários virtuais em tempo de pandemia. **Horizonte**, v. 18, n. 57, p. 1305-1333, set./dez. 2020.

SILVA, Aline. Ciberteologia: teologia no cenário contemporâneo global. **Anais do 28º Congresso Internacional da SOTER**: religião e espaço público: cenários contemporâneos / Organização SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2015. Disponível em <https://alineamarodasilva.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/10/ciberteologia_teologia_no_cenario_contem.pdf>. Acesso em: 01/04/2024.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – BA. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAZ, Renata. ALENCAR, Yslia. Nos tempos da COVID-19: análise dos rearranjos das romarias ao Padre Cícero do Juazeiro do Norte durante o período de isolamento social. **Anais da 33ª Reunião Brasileira de Antropologia**: Defender direitos e fazer antropologia em tempos extremos. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.33rba.abant.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1348>. Acesso em: 04/04/2024.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis- RJ: Vozes/CID, 1996.

SUMPTION, Jonathan. **The age of pilgrimage**: the medieval journey to God. New Jersey: Hiddensping, 2003.

URRY, John. **Sociology Beyond Societies**: Mobilities for the Twenty-First Century. London: Routledge, 2000.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Renata Marinho Paz

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará
Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri
Crato / CE – Brasil
E-mail: renata.marinho@urca.br

Itamara Freires de Meneses

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Professora Substituta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri
Crato / CE – Brasil
E-mail: itamara.meneses@urca.br

Maria Paula Jacinto Cordeiro

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará
Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri
Crato / CE – Brasil
E-mail: paula.cordeiro@urca.br

Recebido em: 20/06/2024

Aprovado em: 14/04/2025